

Inocência na Arte

No meu segundo ano de trabalho na escola, tive conhecimento da existência de vagas para trabalho docente no estabelecimento prisional. Demonstrei ao diretor da escola o meu interesse em ocupar essa vaga. Inicialmente foi desgastante, eu só conhecia o trabalho com crianças. Nesse momento só pensei no desafio, na aventura de estar dentro de uma cadeia, ideia muito romanceada tal como tinha visto em filmes e em livros. Foi-me atribuída uma turma do regime comum e outra da clínica psiquiátrica. O Salvador, um colega que já lá lecionava há vários anos, fez-me as honras da casa, mostrando-me as instalações e apresentando-me a alunos e funcionários. Fui muito bem recebida pelo senhor diretor, pelos guardas e pelos meus futuros alunos. O choque foi mesmo quando conheci a minha turma da clínica. Só me apeteceu fugir, instalou-se um pânico interior gigante, quando vi aqueles homens tão alheados da realidade. Uns estavam de tal forma que mal abriam os olhos, outros babavam literalmente. Outros queriam comunicar comigo mas eu não fazia ideia como entender naquele balbúcio doente e murmurado de forma ininteligível. Um trazia as calças presas com um cordel já que estas não tinham fecho na braguilha nem botão. Outro ainda, o Cláudio que me mostrou as feridas nos pés e que mais tarde me viria dizer que eram as formigas que o comiam de noite enquanto dormia. Claro, delírios da demência. Outros olhavam-se como se se estivessem a namorar... Socorro... onde eu vim parar? Que poderia transmitir, ensinar e comunicar naquele panorama assustador? Nesse dia fui para casa, apreensiva e muito

assustada com a escolha que tinha feito. O primeiro mês foi um suplício. É que é muito diferente trabalhar numa escola com crianças, do que com adultos, com estes adultos, neste lugar. As pedagogias são diferentes, os conteúdos, as metas...é uma profissão nova dentro daquela que eu já tinha. Um exemplo, se eu tiver quinze alunos na minha sala, tenho obrigatoriamente quinze trabalhos individualizados que requerem o meu apoio quase de minuto a minuto. Têm no geral uma visão de arte tão naif como uma criança do primeiro ciclo. São completamente dependentes da nossa atenção, dos nossos afetos e conhecimentos, lidam mal com a frustração, e entendem que tudo o que fazem está mal feito e por isso é necessário o professor ir dando pequenos toques nos trabalhos para o aluno não desistir ou desmoralizar. É necessário comprar a atenção deles, de quando em vez, com cafés, doces ou outro mimo idêntico. É preciso não ter receio do toque, dos cumprimentos corporais, do cheiro quase insuportável de alguns, do aspeto demente, dos choros, dos risos, das confissões que somos obrigados a ouvir pois não conseguimos virar as costas ao sofrimento. Não quero com isto dizer que faço questão de conhecer os crimes que cometeram. Antes pelo contrário. Evito sempre para bem da minha sanidade mental, mas eles vão contando, pouco a pouco, à medida que nos confiam as suas dores e amarguras. E são coisas tão vividas e contadas na primeira pessoa, de forma tão intensa, que houve dias em que parecia que eu não tinha espaço para os meus próprios problemas e fragilidades, pois tinha o pensamento assoberbado de feridas de outros que não eu. Sabem? Eles contam por necessidade, por confissão, como se fosse extremamente urgente purificar a alma de

um pesadelo caprichoso que nos come a alma. Há também os abandonos constantes por parte dos familiares. Uns, por questões económicas, que não os podem visitar amiúde, outros porque se encontram demasiado longe para se deslocarem com frequência, outros por falta de perdão pelos crimes cometidos, no seio de famílias, de lares desfeitos...desculpas...provavelmente bem cimentadas e coerentes, bem sentidas de quem sofreu a dor de perto e foi testemunha de crimes muito violentos. O abandono rouba-nos a esperança e torna-nos um pouco mais farrapos daquilo que somos. É frequente ouvir frases como “ Quando estava lá fora, quando tinha uma vida...sim, quando tinha uma vida, professora...porque aqui dentro não tenho nada.” E este nada soa a um vazio de alma, de espírito, de fazer parte de uma sociedade. Esta desistência de se ser humano, estes olhos vazios, amargurados, doentes, ausentes, dementes...esta desistência pela vida, esta falta de esperança...é aterradora...é tão difícil com estes discursos não esquecermos que cometeram crimes sangrentos. É tão difícil não ver só um ser humano, que chegou ao limite das forças e da dignidade. Ao limite como pessoas, como parte de uma sociedade, para se tornarem corpos deambulantes numa tentativa perdida de reabilitação. Quando nos choram em plena aula, em frente a todos, em que temos de ser psicólogos, amigos, confidentes e só no fim, mesmo no fim professores. Quando temos de levar a alma, connosco, lá para dentro para ensinarmos, para recebermos, para fazermos a diferença. Sem sombra de dúvida que esta experiência me tornou melhor pessoa, melhor profissional. Sinto-me mais humana, mais permissiva ao erro, mais tolerante nos conceitos. Sinto-

me mais preenchida com esta experiência que só enriqueceu a minha vida. Hoje, no meu último ano na escola associada, no limite do meu tempo desta aprendizagem tão generosa sinto-me triste por abandonar este projeto que tanto me fez bem à alma, ter de abandonar o trabalho que tanto me custou a pôr de pé, abandonar aquela gente, o duro que foi conquistar-lhes a confiança e o respeito, para poder nascer o trabalho de que vocês foram testemunhas na exposição que foi apresentada neste encontro de professores. Cada trabalho, cada quadro, foi um ato de amor, foi uma dádiva, uma entrega generosa de quem não tem esperança. Foi um sinal de respeito para quem entra naquela sala e ...entrega a alma.

Em jeito de conclusão deixo alguns testemunhos de alunos reclusos da clínica e do regime comum, que fizeram parte da minha vida nestes três últimos anos, e que tanto prazer me deu fazer parte da deles. Ninguém melhor que eles para concluir o meu discurso. Um muito obrigada.

“ A professora é muito fixe e ensina-nos muitas coisas. Na segunda feira tem mau feitio mas também nos dá muitos chocolates.”

“ Sabe professora, nesta cadeia, a sua sala é a única que não tem grades, que não é uma cadeia.”

“A disciplina de artes é um teste à imaginação, criação, habilidade e invenção. De certa forma é nesta aula que nos sentimos realizados. A professora Carla é pena sair deste estabelecimento pois além de ser uma excelente profissional, é uma pessoa muito humana, atenciosa e

empenhada naquilo que faz que é ensinar. Um agradecimento por tudo o que fez por nós.”

“Onde quatro paredes confinam a liberdade física, o espaço de artes da professora Carla abre a criatividade e dá forma ao melhor que cada um de nós contém. Entre comentários, desabaços e confissões, gritos e silêncios, risos e caras feias ou simplesmente olhares trocados, brotam sentimentos que são expostos e libertados perante todos, junto com as várias e muitas obras artesanais, mas cuidadosamente efectuados, que todo e qualquer homem, como ser físico mas eminentemente espiritual, é capaz. Bem haja, para iniciativas deste tipo e para as pessoas que as levam a bom porto. Muito obrigado professora Carla.”

Carla Lopes